**SERÁ QUE A IGREJA ESTÁ AGORA A FALAR À HUMANIDADE?**

A hierarquia vertical da igreja, e porque não dizer das igrejas de todas as tradições, parecem acordar, agora, para a questão da defesa da Criação. Verdade que algumas organizações e bispos se tiveram levantado há muitos anos para o assunto. Lembro o Conselho Mundial de Igrejas (CMI) e as comunidades de base cristãs, principalmente da América Latina, em defesa da Amazónia. Com o novo bispo de Roma, ele, principalmente, tem dado voz e vez na Igreja àqueles que sempre defenderam a sustentabilidade e a ecologia (esta como o diálogo entre todas as vertentes), e foi mesmo introduzido o sentimento de “pecado ecológico” e “conversão ecológica”, perante o pasmo de tantos que até ao momento sempre defenderam uma igreja ao serviço dos poderosos, enfim a antítese do Senhor que nos deu a Vida: Jesus, o filho do carpinteiro de Nazaré. Apareceu mesmo um documento assinado por mais de cem bispos sobre a defesa ecológica, alguns dos quais talvez nem saibam muito bem o que estão a assinar. Mas mais vale assinar, do que não assinar, sempre são mais uma voz. A situação tornou-se mais crítica com o aparecimento de uma pandemia chamada COVID-19, que quando desaparecer, vão mesmo desaparecer estas posições. Confiamos no Espírito do Senhor que tudo transforma e pode transformar a hierarquia vertical da igreja, numa voz circular que fale à Humanidade.

Falar como Jesus fala, ser como Jesus é, é sempre um contrassenso e uma falta de bom senso, nesta humanidade esquecida de que não faz aquilo que quer, mesmo que mandem foguetões à lua e encham o espaço de lixo. A igreja tem de deixar de ser tão pecaminosa, para ser na prática, um lugar luminoso que fala à Humanidade, adentro da ética e da moral. Esquecendo-se que é composta por tantos homens e mulheres, coloca-se como androcêntrica (onde o centro está o homem masculino), muito para lá do antropocentrismo já condenado pelo papa Francisco. Esta posição, da superioridade do masculino sobre o feminino, em todas as fases da vida humana, é um pecado ecológico, que necessita de uma conversão ecológica urgente, para com propriedade se falar à Humanidade. Este “pecado ecológico”, tanto androcêntrico, como antropocêntrico (este onde se coloca o ser humano como centro, esquecendo-nos de todos os seres vivos), necessita de uma “conversão ecológica”, tão premente como as questões que os bispos e cardeais colocam na sua carta e que, ainda bem, foi compilada.

Falar de uma nova economia [Economia de Francisco de Assis – diácono], ou de defesa das matérias ambientais, dos trabalhadores e das suas causas, do trabalho precário, da vida de miséria que tantos povos sofrem e do esmagamento das culturas e das tradições dos povos, é um bom sintoma que parte – talvez ínfima -, da igreja pode falar à Humanidade. Mas continuaremos em “pecado ecológico” se não se produzem efeitos – a ordenação de diáconas está a ser estudada à anos -, sobre esta dominação do homem sobre a mulher, e muito sentida e vivida na igreja, mesmo quando são nomeadas mulheres para cargos de responsabilidade na igreja, o que é muito pouco, convenhamos.

Falar para a Humanidade, para aqueles e aquelas, por quem Jesus morreu e ressuscitou, tem de ter uma linguagem de atitudes e gestos universais de uma verdadeira “conversão ecológica”. Não vale, porque estamos no “Ano Laudato Si`”, o amarfanhar reduzindo-o a umas quantas palestras, que de conversão têm muito pouco. Verdade que já muito clero fala e refala na defesa da Criação, mas que num sentido de conversão do pecado cometido, está muito longe daquilo que seria necessário, que é uma confissão pública do pecado ecológico cometido e daquele que se continua a cometer, nem que se fale em vários milhões de vezes em defesa da Criação.

O que vale é a prática do reconhecimento do “pecado ecológico” em todas as dimensões, o arrependimento e respetiva conversão ecológica. Se tal não acontecer como é que a Humanidade vai crer naquilo que dizemos, sem o fazer? Falar à Humanidade é prevalecer sintomático com os combates a todas as “pandemias”, e tantas existem nas Igrejas. Acredito nas boas intenções daqueles bispos que assinaram o manifesto, mas gostaria, também, de os ver a agir nas suas dioceses, em defesa de uma outra economia, onde a defesa ambiental e dos débeis possa ser defendida. Há tantos ensinamentos que a Humanidade pode dar à Igreja, mas tantos, leia-se, por exemplo, o livro de James Rollins, “Amazónia”, para percebermos o alcance desse ensino.

Que Jesus e o seu Espírito dê à sua Igreja a capacidade de falar à Humanidade de hoje, à Casa Comum, que, afinal, é o nosso Planeta Terra, e o cosmos que vamos “colonizando”.

Joaquim Armindo

Diácono – Porto – Portugal

Doutor em Ecologia e Saúde Ambiental